

A SIGNIFICAÇÃO DA MORTE: UM OLHAR SOBRE A FINITUDE HUMANA

THE MEANING OF DEATH: A LOOK INTO THE HUMAN FINITUDE

MICHELE NEGRINI¹

Recebido em: 25/09/2012

Aprovado em: 13/08/2013

RESUMO

A morte é um tema com complexas e fundamentais significações entre os humanos. Os comportamentos sociais diante da morte e as reflexões acerca desse tema têm tido diferentes configurações no decorrer do processo histórico. Este artigo objetiva refletir sobre os significados e a importância da morte para o homem, bem como observar a constituição do indivíduo a partir do momento em que ele tem a certeza de sua finitude. Serão apresentadas algumas ponderações acerca das mudanças radicais nos valores e nos comportamentos sociais perante a finitude humana, que se manifestaram expressivamente no século XX.

Palavras-chave: Morte; Cultura; Individualismo; Pós-modernidade.

ABSTRACT

Death is a theme with complex and fundamental meanings among humans. Social attitudes towards death and the reflections on the topic have had different settings during the historical process. This article aims to reflect on the meaning and significance of death for the man as well as observe the constitution of the individual from the moment he is sure of his finitude. It will be presented some considerations about the extreme changes in social and behaviors values towards human finitude, manifested dramatically in the twentieth century.

Keywords: *Death; Culture; Individualism; Postmodernism.*

1 Introdução

A morte é um tema cujas ideias, hipóteses e argumentos, fora do campo biológico, têm amplas relações com as características de cada cultura e de cada período histórico. Também as crenças religiosas, muitas vezes, determinam concepções sobre a finitude humana.

A morte é um dos temas mais delicados e controversos da história cultural da humanidade. É um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada com a significação que se atribui à morte. A concepção que o homem tem de vida e a que tem de morte fazem parte de um único compor-

tamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida torna-se mais plena, uma vez que a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. Adaptar-se à ideia da morte oferece bases para a vivência (SIMMEL, 1998).

Como os humanos constituem a única espécie que tem a certeza da morte presente durante a existência e que pratica ritos fúnebres, a sua essência está associada às suas crenças em relação à morte. As formas de viver têm amplas relações com o fim. Dastur (2002) salienta que o conhecimento que as pessoas têm do próprio fim é que torna possível a relação que os humanos têm com a própria mortalidade. Morrer não é apenas uma determinação extrínseca

¹ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Brasil. Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

da existência, um acidente, mas um atributo essencial do homem. A relação do ser humano com a morte é constitutiva de seu próprio ser.

É difícil conhecer o ser humano sem entender a morte, pois é nela que o homem mostra-se ao mundo. É nas atitudes diante da morte que o ser humano explicita suas diferenças em relação aos outros seres vivos. A morte é a imagem do homem, e, quando este a olha, ele observa a si próprio (MORIN, 1988). A morte é um perigo constante, é um acaso que surge no cotidiano humano, que aparece nas transformações do mundo e que norteia o decorrer da vida: “De qualquer modo, a morte penetra, enraíza-se no mistério que é simultaneamente o mistério da Matéria e da Vida. Para o homem, a morte faz parte da teia do seu mundo, do seu ser, do seu espírito, do seu passado e do seu futuro” (MORIN, 1988, p. 325, grifos do autor). O mesmo autor expõe ainda que separar o homem da morte é um desejo alienado.

Para Chiavenato (1998), a morte é o tema mais delicado e controverso da história cultural da humanidade. Morin (2005a) salienta que é na morte que se dá a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito” (MORIN, 2005a, p. 45). O autor ressalta que é através da morte que o homem constrói o entendimento de si. É na consciência da própria finitude que o homem diferencia-se dos outros seres vivos.

O momento em que o homem percebe que vai morrer é fundador para a cultura. Com a consciência da morte, o homem tem a preocupação de transmissão e de conservação de todo o seu patrimônio cultural. A morte leva à difusão de hábitos, costumes e conhecimentos, que são preservados entre gerações. À medida que o homem entende que vai morrer, ele adquire a preocupação de preservação cultural e acaba tendo um sentido mais consistente para a sua vida.

Assim, este artigo tem como

foco a reflexão acerca dos significados e da importância da morte para os seres humanos. Intenta, ainda, observar a constituição do indivíduo a partir do momento em que ele tem a certeza do fim da vida.

2 O homem perante a morte

As atitudes dos homens diante da morte são reflexos da sociedade, da temporalidade e da cultura em que estão inseridos. O espaço e a localização geográfica também são importantes na determinação dos modos de proceder diante da morte.

Mannomi (1995) fala que Philippe Ariès, em seu livro *L'Homme devant la mort*, explica as mudanças de atitudes das sociedades frente à doença e à morte. Na Idade Média, entendia-se que a morte dava aviso prévio, de modo que as pessoas sabiam que iam morrer e aguardavam o momento final.

Quando chegava a hora, morriam exatamente como era preciso. A morte maldita (que se apresenta como uma figura aterrorizada) era a morte súbita (acidente, envenenamento). Essa morte era marcada com o selo da maldição, como se forças misteriosas, demoníacas, estivessem na origem do drama; era a essas mesmas forças demoníacas que se atribuía, na Idade Média, a origem da epilepsia e da loucura. A morte familiar (na época em que se morria em público) é chamada por Philippe Ariès a morte domesticada (MANNOMI, 1995, p. 40).

Desde o século XVIII e até o início do século XIX, era comum os parentes assistirem ao fim do moribundo. Quando a morte aproximava-se, a casa era aberta para a entrada de todos. Os médicos do século XVIII que observavam as regras de higiene queixavam-se do excesso de pessoas no quarto dos agonizantes. No começo do século XIX, as pessoas que passavam na rua, ao encontrarem um pequeno cortejo, do

qual participava o padre levando o viático, acompanhavam-no, entrando com ele no quarto do doente.

Ariès (2003) enfatiza que, do período da alta Idade Média até a metade do século XIX, as atitudes diante da morte foram mudando, mas de modo tão lento que os contemporâneos não se deram conta. Há uma revolução nos sentimentos tradicionais. E a morte, que foi presença marcante no passado, deixa de ter espaço nos círculos de convívio da sociedade atual.

Já na segunda metade do século XIX, o moribundo começa a ser poupado da gravidade do seu caso. De acordo com Ariès (2003), a motivação inicial para a mentira era poupar o doente do conhecimento de seu quadro clínico. Esse comportamento foi dando espaço para um sentimento bem distinto, característico da modernidade, que é o de poupar a sociedade das perturbações e emoções fortes causadas pela agonia e pela presença da morte em meio a um contexto de vida.

No século XX, entre as décadas de 1930 e 1950, ocorre o deslocamento do local da morte. Já não se morre mais em casa, entre os familiares, mas no hospital, onde há recursos de tratamento e de higiene não disponíveis no lar. O hospital passa a ser um lugar privilegiado para a morte; os pacientes não são mais levados para lá somente para serem curados, mas também para morrerem em um local mais adequado, sem a presença de parentes e vizinhos. O deslocamento do lugar da morte dá respaldo para a sua higienização e, também, para que a sociedade seja poupada de abalos. A finitude humana deixa de ser um momento coletivo.

Na cultura ocidental do século XX, procurou-se reduzir ao mínimo as operações diante da morte, tendo-se apenas as atitudes necessárias para fazer o sepultamento do corpo. As cerimônias devem ser simples e evitar o extravasamento de emoções. A boa morte é a morte maldita do passado. A

boa morte é aquela que não perturba a sociedade, que se dá de forma discreta (ARIÈS, 2003).

Na atualidade, é característica a atitude do homem de negar a própria morte. A finitude humana não é cogitada no cotidiano e as pessoas vivem de forma como se ela não existisse. Oliva-Augusto (1995) explica que um mecanismo de negação da morte nas sociedades atuais é o “fazer passar a vida”. Loureiro (1998) acrescenta que por estarmos submersos na vida, em atividades cotidianas, corriqueiras para nós, eliminamos, quase por completo, as ideias da morte, principalmente as de nossa morte. O homem, no decorrer de seu cotidiano, na maioria das vezes, vive como se a morte não estivesse presente nas suas relações.

Freire (2006) complementa esse pensamento afirmando que, apesar de o homem desejar a superação da morte, algumas mudanças na compreensão do papel do indivíduo² nas sociedades modernas contribuíram para uma maneira diferenciada de negar a morte. “Não são mais as projeções da ideia de continuidade em um plano metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse” (FREIRE, 2006, p. 28).

Oliva-Augusto (1995) explicita que a consciência do homem de sua finitude e o reconhecimento da temporalidade como dimensão irreversível remetem à noção do individualismo diante da morte. À medida que o homem tem consciência de que vai morrer, quer aproveitar o tempo e focar-se no seu bem estar. A perspectiva da existência de um limite para a vida aponta para a necessidade de vivência plena e com realizações.

Como o homem tem a certeza de sua morte física e sabe que é impotente diante dela, a crença na imortalidade³

² Neste estudo, estamos trabalhando com a construção do indivíduo na sua relação com a morte. Portanto, não contemplamos nenhum conceito específico das Ciências Sociais, pois, aqui, será relevante somente a construção da individualidade nesta relação do homem com sua finitude.

³ A imortalidade presente nas crenças dos homens ocorre no campo do imaginário. O homem crê na vitória de sua alma sobre a morte e no fato de que essa alma terá espaço em outras dimensões. Morin (1988) tra-

dá suporte para a negação da finitude. A partir dessa crença é que vive o homem, o qual, muitas vezes, embora conhecendo a morte e tendo certeza de sua chegada, vive cego frente a ela, como se a finitude só existisse longe de suas relações. A angústia provocada pela certeza da morte existe, mas está mascarada pela perspectiva da vivência da alma.

Morin (1988) afirma que essa visão da imortalidade não significa a ignorância da morte, mas o reconhecimento de sua chegada. “Assim, a mesma consciência nega e reconhece a morte: nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento” (MORIN, 1988, p. 26). O autor acrescenta que é a individualidade humana que tenta negar a morte, elaborando o mito da imortalidade. A consciência da morte não nasce com o homem, mas é adquirida no decorrer de sua existência.

O fato de o ser humano estar condenado a aceitar o fim do funcionamento de suas funções vitais é o maior problema que o acompanha e o fere como indivíduo⁴. Dessa forma, o horror à morte é relacionado por Morin com a perda da individualidade: “O horror da morte é, portanto, a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade. Sentimento que é o de uma ruptura, de um mal, de uma catástrofe, isto é, sentimento traumático” (MORIN, 1988, p. 32). O autor faz um encadeamento entre morte, traumatismo da morte e imortalidade. A consciência da morte evoca o traumatismo, que, por sua vez, evoca a imortalidade.

Morin (1988) diz que, se o homem é condenado a manter-se impotente frente à morte biológica, então ela será o mais falso (o mais verdadeiro) dos problemas da individualidade hu-

mana. Para o autor, vencer a morte significa domesticar a espécie em todos os planos. “Colonizar a espécie é colonizar a morte, e vice-versa, é o triunfo da individualidade, a sua possibilidade infinita” (MORIN, 1988, p. 306). Assim, o triunfo do indivíduo sobre a espécie como um todo ocorreria no vencimento da finitude humana, mas, no cotidiano das pessoas, a morte pode ser ultrapassada somente no campo simbólico e imaginário⁵. Já no campo biológico, a morte é intransponível. A morte, como fim das atividades biológicas, está além do alcance do homem.

Nesse desastre do pensamento, nessa impotência da razão perante a morte, a individualidade jogará os seus últimos recursos: procurará conhecer a morte, não já pela via intelectual, mas sim farejando-a como um animal, a fim de penetrar no seu covil; procurará fazê-la recuar recorrendo às mais brutais forças da vida. Esse afrontamento-pânico, num clima de angústia, de nevrose, de niilismo, adquirirá aspectos de autêntica crise da individualidade perante a morte. Mas essa crise da individualidade não pode ser abstraída da crise geral do mundo contemporâneo (MORIN, 1988, p. 261).

O complexo da perda da individualidade é traumático e a ele estão relacionadas muitas perturbações provocadas pela morte no ser humano. “A morte vai, portanto, estender-se, afirmar-se, de acordo com o movimento fundamental da individualidade [...]” (MORIN, 1988, p. 52). Quando o indivíduo colide com a ideia do fim da vida, mostrando o seu horror a ela, demonstra sua inadaptação exterior com a natureza e com a própria espécie.

Refletindo sobre as ideias de traumatismo da morte e da crença na

ta a alma como sendo um *duplo*. Para o autor, é através da consciência do homem e dos movimentos de seu *duplo* que a ideia da morte tem espaço. A morte vai ser apropriada pelo homem mágica e misticamente. O domínio da morte continuará a ser a zona de sombra onde triunfam a magia e o mito, da forma mais categórica e permanente. O conteúdo antropológico da morte dá espaço para a demonstração da amplitude do imaginário do homem.

⁴ Morin (1988) situa a morte como um elemento desafiador para o indivíduo. A consciência da morte fere a individualidade, mostra a possibilidade de aniquilamento do homem e o fato de que ele é igual aos outros no momento da finitude.

⁵ Nas Sagradas Escrituras, encontram-se passagens que narram a vitória sobre a morte biológica. Jesus, em seu período de pregações, ressuscitou Lázaro, irmão de Marta e Maria, quatro dias após seu sepultamento (João 11, 1-44). A filha de Jairo também vence a morte com a intercessão do Cristo (Marcos 5, 21-43). O filho da viúva de Naim foi ressuscitado no caminho da sepultura (Lucas 7, 11-17). O próprio Jesus venceu a morte após ter sido crucificado e estar morto há três dias (João 20, 1-18).

imortalidade para tentar negar a mortalidade, constata-se uma brecha no comportamento dos humanos, que é o homicídio. O homicídio é um ato essencialmente humano, pois o homem é o único animal que mata seu semelhante sem finalidade vital. Morin (1988) define o homicídio como a satisfação de um desejo de matar. Neste caso, há uma volúpia, um desprezo, um sadismo, um ódio, que traduzem uma saliência do matador em detrimento dos interesses comuns de toda a espécie. É a saliência da individualidade em detrimento dos interesses da espécie.

3 Do luto ao individualismo

Na cultura ocidental, o luto, que, durante a Idade Média, teve ampla vigência entre as famílias, perdeu espaço. Para Ariès (2003), o tipo de luto praticado durante o século XIX hoje é considerado histórico.

Esse luto tinha a finalidade de defender os familiares, em momento de provação, da dor pela perda do próximo. Hoje, com a economia dos gestos e dos sentimentos como noções fundantes do “processo civilizador” da modernidade (ELIAS, 1993), a exacerbação do sofrimento no luto perde lugar social e esse sofrimento torna-se individual. O sofrimento público transforma-se em inadequação. É a melancolia que dá lugar ao luto. Os enlutados agora sofrem sozinhos, não demonstrando para a sociedade os seus sentimentos.

Os ritos da morte são cada vez mais simplificados. As conveniências exigem que o enlutado volte a uma vida normal depois de passado algum tempo determinado pelos costumes. O recalçamento da dor é exigido em lugar das manifestações outrora usuais. Pouco a pouco uma ascese (o transporte de gozo) que preparou o caminho para o capitalismo foi se instalando (MANNOMI, 1995, p. 43).

No período de prática do luto, a sociedade impunha às famílias dos mortos um tempo de reclusão, que tinha como objetivo fazer com que os sobreviventes resguardassem a sua dor do mundo e também impedir que esquecessem rapidamente do falecido (ARIÈS, 2003). Na atualidade, com a interiorização do sofrimento, o grupo social não sustenta mais o vazio deixado pela pessoa que morreu. O trabalho do luto foi modificado por razões de conveniência social e pelo enaltecimento do individualismo. A dor de um enlutado não faz mais parte das preocupações coletivas e o sofrimento precisa ser um processo discreto.

Hoje, à necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu, em meados do século XX, sua interdição. Durante o espaço de uma geração, a situação foi invertida: o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade geral é, a partir de então, proibido; o que era proibido, é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentindo (ARIÈS, 2003, p. 250-251).

Chiavenato (1998) afirma que o sociólogo inglês Geoffrey Gorer foi o primeiro a observar a importância do luto no momento em que ele era abandonado, nos meados da década de 1950. Foi nas sociedades industrializadas que as pessoas começaram a desprezar o luto, submetendo-se aos novos costumes com relação à morte. O autor concorda com a ideia de que já não há mais o hábito de sinalizar através do luto que estamos sofrendo. As imposições da sociedade industrial vão além dos sentimentos.

Freire (2006) salienta que é importante o entendimento de como a morte e o luto são tratados em uma sociedade na qual o individualismo vigora. A autora enfoca que, a partir da individualização da dor, os ritos de despedida tornam-se mais superficiais, minimizando as expressões de sofrimento. A morte

interditada das sociedades atuais leva à individualização dos sentimentos diante da finitude humana. A falta de reflexões sobre o fim da vida tem relações diretas com o individualismo e com a exigência de aproveitamento do tempo.

Ao observarmos o embaraço social causado pelo luto na atualidade, torna-se interessante perceber o processo de individualização ocorrente na sociedade contemporânea – o que permite, partindo de uma visão ampla para uma mais específica, analisar como a construção da concepção de indivíduo, na modernidade, reflete-se nas relações sociais que envolvem o luto (FREIRE, 2006, p. 71).

Sébastien Charles, introduzindo o pensamento de Lipovetsky (2004b), diz que a pós-modernidade é o momento histórico em que os elementos institucionais que freavam as manifestações do indivíduo e a sua emancipação desapareceram. O pensador enfoca que o consumo das massas e os valores que ele veicula, como o hedonismo, são elementos responsáveis pela passagem da modernidade à pós-modernidade, que pode ser remetida à segunda metade do século XX.

A mutação de valores identificada por Charles aproxima-se cronologicamente do período de negação mais intensa à presença da morte e do cultivo coletivo de rituais perante a finitude humana. À medida que o homem começa a preocupar-se mais com a sua realização pessoal, a presença da morte no seu meio pode ser um fator incômodo, pois irá lembrá-lo de que também está sujeito à morte. Lipovetsky (2004a) salienta que a entrada das sociedades na era do consumo é um fator que leva ao enaltecimento dos valores individuais, bem como à busca do prazer e da satisfação íntima. O hiperindividualismo⁶ persegue a maximização dos ganhos do

homem na maioria das esferas de sua vida, incluindo sexualidade, religião e política. Então, o individualismo diante da morte do outro é uma maneira de o homem defender-se do pensamento de sua própria finitude e de escamotear o seu sofrimento.

Morin (2005a) diz que o desenvolvimento da individualidade humana, a qual é fruto do pensamento, da consciência e da reflexão, não deve levar à redução do ser humano apenas à individualidade. Para o autor, o ser humano está envolto em um contexto e define-se como pertencente à tríade indivíduo/sociedade/espécie; o indivíduo é um termo que forma o conjunto da tríade e cada um dos termos contém os outros. O autor associa a relação entre os elementos da tríade com a complexidade humana:

Indivíduo, sociedade e espécie são, assim, antagônicos e complementares. Imbricados, não estão realmente atrelados; há a perplexidade da morte entre o indivíduo efêmero e a espécie permanente; há o antagonismo do egocentrismo e do sociocentrismo. Cada um dos termos dessa trindade é irredutível, ainda que dependa dos outros. Isso constitui a base da complexidade humana (MORIN, 2005a, p. 52).

Apesar da relação entre os três elementos, o indivíduo pós-moderno é mais voltado para si do que para a sociedade e para a espécie. Ele almeja viver plenamente a sua vida, prezando por finalidades individuais, como o amor, a felicidade, o bem-estar, o conhecimento, o poder e a aventura. A partir do destaque aos valores individuais, Morin (2005b) salienta a necessidade de uma religação entre os elementos da tríade indivíduo/sociedade/espécie. O grande problema ético contemporâneo situa-se na ênfase do individualismo em detrimento do espírito comunitário. Tal ideia pode ser evidenciada ao refletir acerca da morte no decorrer da história, quando fica visível o abandono da solidariedade com o grupo e, principalmente, com

⁶ Lipovetsky (2005b) refere-se ao momento atual como a sociedade hipermoderna, em que há uma maximização dos valores da modernidade. O autor explica que o homem da sociedade hipermoderna é hiperindividualista, sendo muito mais voltado para si, dono da sua existência, e recebendo menos proteção da sociedade como um todo e das instituições.

aqueles que estão sofrendo pela perda de alguém próximo. A dor do outro não é mais uma questão que pertence à sociedade como um todo e sim ao âmbito privado. O prazer de cada indivíduo sobrepõe-se à necessidade de observação dos sentimentos alheios. É o hedonismo preponderando sobre a solidariedade.

Como forma de religião, Morin aponta o amor como experiência fundamental entre os seres humanos. “Amor é também coragem. Ele nos permite viver na incerteza e na inquietude. É remédio para angústia, resposta para a morte e o consolo” (MORIN, 2005b, p. 2002).

4 Considerações finais

Este estudo procurou fazer uma discussão acerca da significação da finitude para os humanos. A observação da individualização do comportamento das sociedades ocidentais diante do fim da vida, que se acentuou na segunda metade do século XX, foi um dos pontos centrais desta reflexão. O artigo procurou discutir a noção de finitude humana ancorada em uma reflexão sobre o individualismo.

Falar na morte evoca princípios que estão na base de toda sociedade, como transmissão cultural e permanência da espécie humana. O homem, ciente de sua finitude, tem a preocupação de passar para os seus descendentes traços de sua cultura, incluindo hábitos e costumes. Como já foi discutido durante o trabalho, há uma complexidade ligada às discussões sobre a morte. Ela é um tema com diversas interpretações, as quais são particulares de cada cultura e da temporalidade e estão intimamente ligadas às formas com que o homem transmite seus conhecimentos às outras gerações.

Principalmente na segunda metade do século XX, a morte deixou de ser um acontecimento público, de envolvimento social, para ficar em dimensões privadas. O tema passou a ser negado com o decorrer da história e teve sua existência distanciada da convivência social. As pessoas não costumam mais

demonstrar, pelo luto que estão sofrendo, a perda de um parente. As cerimônias fúnebres restringem-se a rituais discretos para fazer os corpos desaparecerem.

A negação da presença da morte intensificou-se no período da pós-modernidade, época em que o sujeito tem um olhar mais voltado para si. Assim, pensar a morte do outro e o culto de rituais de contemplação da finitude são desafios para os humanos. O homem, como indivíduo, não pode ser perturbado com a morte do outro, pois lembra a sua própria finitude e pode acabar com o seu prazer individual.

Morin (1988) explica que o reconhecimento da morte por parte do homem é a aceitação de sua derrocada como indivíduo e que esta noção de perda da individualidade é um grande transtorno que a morte causa. A perda da individualidade remete ao aniquilamento do ser humano pela morte. Nesta perspectiva, o triunfo do indivíduo sobre a espécie ocorreria pelo vencimento da morte, o que faz com que o homem negue a existência da finitude.

A partir das reflexões feitas neste trabalho, pode-se inferir que a certeza da finitude quebra a ideia do individualismo por igualar o homem entre seus pares, sendo a morte a condição de sua existência. Em contrapartida, é a partir da certeza da morte que o homem apropria-se de sua autonomia para aproveitar o tempo vivido, escamoteando a noção de solidariedade com o semelhante.

Para finalizar, convém retomar o aspecto de que a morte é um elemento fundador para o homem e que é a certeza da morte que faz com que o indivíduo queira viver plenamente, pensando em si e na transmissão de elementos de sua cultura.

Referências

1. ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

2. BÍBLIA SAGRADA. 40ª Edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.
3. CHIAVENATO, J. J. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.
4. DASTUR, F. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
5. ELIAS, N. **O processo civilizador**. Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
6. FREIRE, M. C. B. **O som do silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto. Natal: EDUFRN, 2006.
7. LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura liberal**: ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004a.
8. LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004b.
9. LOUREIRO, A. M. L. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
10. MARANHÃO, J. L. de S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
11. MANNOMI, M. **O nomeável e o inominável**: a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.
12. MORIN, E. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.
13. _____. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
14. _____. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
15. OLIVA -AUGUSTO, M. H. **O Moderno e O Contemporâneo**: Reflexões Sobre Os Conceitos de Indivíduo, Tempo e Morte. TEMPO SOCIAL, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 105-119, 1995.
16. SIMMEL, G. **A metafísica da morte**. Trad. Simone Carneiro Maldonado. *Política & Trabalho*, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UEPB. pp. 177-182, 1998.